

A Etnia Cabocla existe e é bem brasileira.

O chamado caboclo, mameluco ou indiático, apesar de predominar na maioria dos Estados brasileiros, como veremos, continua quase que completamente ignorado, nos compêndios em geral.

A sua etnia, inexplicavelmente, só aparece em literatura de ordem anedótica, poética (do gênero comprometedor) ou casos de calúnia, infâmias e distorções.

Em livro, prestes a sair, "*Cepa Esquecida*", fomos, aos poucos, reunindo o que pudemos, em trinta anos de intensa atividade, para que se tenha uma visão de conjunto, de norte a sul do Brasil, da realidade desse fenôtipo, mais que qualquer outro, digno de veneração e respeito.

São opiniões, dados, informações, citações, pontos de ilustração, pesquisas sumárias e outras particularidades, referentes a figuras exponenciais de nossa terra, como também, indiretamente, a milhões de outros seres dos demais quadrantes da nacionalidade.

Sinceramente, o que não está certo é o silêncio ou a vontade preconcebida de usurpação ou *parti pris* de alguns demagogos raciais de outros troncos formadores do nosso povo.

Silvio Roméro, apesar de nunca haver proclamado as suas características raciais (e foi Mestre Gilberto Freyre quem o classificou, de maneira inconfundível), deixou-nos, em sua "*História da Literatura Brasileira*", Tomo Primeiro, 4ª Edição, 1.949, Livraria José Olympio, páginas 286-287, uma opinião bem significativa, sobre a impossibilidade de abordar o assunto: "Pelo que toca ao mestiçamento com os índios, é quase impossível enumerar casos, tantos são eles. Seria preciso citar as principais famílias de S. Paulo desde Caubi, Piquenbói e Tebirica, as de Minas Gerais, Mato Grosso, Pará, Amazonas, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, o Brasil todo, em suma. Entre homens notáveis, basta lembrar os nomes de Basílio da Gama, Odonico Mendes, Diogo Feijó, João Lisboa, Benjamin Constant, Franklin Távora, D. Romualdo de Seixas, Augusto de Mendonça, Carlos Gomes, Floriano Peixoto, etc. etc."

O genial Gilberto Freyre, cuja obra nos vai recomendando, cada vez mais, nas melhores camadas do mundo, e que tanto tem sido, através das gerações, louvado como o genuíno e inconfundível inovador da ciência antropológica em terras do Brasil, de que, sem exagero, a reabilitação do afronegro é uma das consequências, o genial Gilberto, dizíamos, nunca deixou de mencionar vultos caboclos, em sua vastíssima bibliografia, donde, em incessante perquirir, o termos podido registrar os seguintes nomes: Euclides da Cunha, Capistrano de Abreu, Conselheiro João Alfredo, Prefeito Pereira Passos, Floriano Peixoto, Carlos Gomes, Padre Ibiapina, Diogo Feijó, Padre Cicero, Cardeal Arcoverde, D. Romualdo de Seixas, José Veríssimo (toque africano), Rondon (idem), Silvio Romério, Presidente Humberto Castelo Branco, Damiana da Cunha, a Família Nabuco (toque ameríndio), A. Mello Freyre (idem), etc."

Fora das nossas fronteiras, não lhe escapou à extraordinária argúcia a figura do *Marquês de Pombal*, como mostramos, no livro.

Raquel de Queirós disse, certa vez ("*O Cruzeiro*", página 122 de 7/3/1.953), a respeito da predominância do sangue indígena no Ceará: "Se temos tamanho, cor, estatura e cara e cabeça chata de índio, é porque na nossa terra pobre não houve escravidão tratando ricos lavouros que nos desse mais forte e boa tinta de negro".

E, mais recentemente, no dia 28 de março de 1.971, no "*Diário do Paraná*", a propósito de "ÍNDIOS DO BRASIL", um tanto exageradamente, se bem que certa, dedicou aos avoengos indígenas o seguinte: "Nem foi de outro modo, senão por essa livre aproximação de bugres, brancos e negros, que se constituiu a população do Nordeste e Norte. Uns 80% dos nordestinos descendem de índios aculturados, que se incorporaram à população, miscigenando-se com o pequeno contingente populacional de brancos e pretos. Lá, pelo Norte a proporção de sangue índio na população do interior deve chegar aos 90%, sucedendo coisa parecida em Goiás e Mato Grosso". E mais adiante: "De quem é que vocês pensam que todos descendemos? Por cada português, por cada escravo negro, bota vinte, cem índios. Então no interior a cabocla chega às vezes a

parecer de raça pura, tal a força do bugre na mistura".

É bem verdade que, apesar do exagero, como dissemos, a realidade da predominância da mistura indígena é, sem dúvida alguma, coisa líquida e incontestável. Aliás, já Roquette-Pinto, sobre o Ceará, calculara a proporção de 37% de sangue caboclo, o que foi adotada por Afonso Arinos de Mello Franco.

E em relação à Paraíba, aí estão os livros de Coriolano Medeiros, Horácio de Almeida, José Américo de Almeida, Lopes de Andrade e outros, sem excluir Mestre Gilberto Freyre, para, em palavras objetivas, coerentes e decisivas, realçar a influência potiguara, caeté e tapuia na formação étnica da terra.

Muito recentemente, ainda, o escrito Caó Vinagre, no "*Cruzeiro*", de 20/4/1.975, página 66, estampa um belo trabalho - "*Miscigenação Andina - Brasil, 3ª Solução*", em que afirma, com convicção e espírito patriótico: "Sob o domínio português o que houve no Brasil foi uma verdadeira assimilação de índios, em larga escala, de norte a Sul do País, de leste a oeste. Mesclando-se a eles, e levando o negro na esteira de suas entradas, o português criou um tipo original, o *sertanejo*, cuja base racial é o índio, e que constitui o cerne da população brasileira em todo o interior (na Amazônia, inclusive) e na faixa atlântica, da Bahia ao Pará.

"Por alto, podemos estimar em 30 milhões essa massa de raça indefinida, em quem os historiadores não viram ou não quiseram ver o índio redutivo. É verdade que ele está despojado dos elementos característicos da sua primitiva cultura. Esqueceu a língua, esqueceu a floresta, perdeu até a noção de sua própria origem. O caboclo do sertão não se julga um índio. No entretanto das culturas, evidentemente, não podia subsistir um estágio cultural da idade da pedra. Mas, o homem, em sua essencialidade, se perpetua pelo sangue e pela raça. Nada há de desabonador para o índio no fato de ter deixado sua cultura ancestral".

O antropólogo Darcy Ribeiro nunca deixou de dizer que o "Brasil interior é bem tupi", portanto, ainda reserva incalculável para estudos e conclusões.

Outro grande nome, este de antropólogo do Equador, o Prof. Monsalve Pozo, em seu estupendo livro "*El Indio. Cuestiones de su Vida y su Pasión*", Cuenca, Equador, página 513, indica também algumas personalidades brasileiras, que são mestiças. Ao lado de um mundo de hispano-americanos de sangue indígena, menciona: "... nos recuerda entre otros, a los siguientes del Brasil: 'Coelho Neto, grande cuentista, Euclides da Cunha, el más eminente estilista de la lengua portuguesa; Pontes de Miranda, el poseedor de la más notable cultura del Brasil de nuestros días; Rocha Pombo, el historiador más profundo del Brasil; José Veríssimo, crítico de cultura polimorfa - También, es mestizo el General Rondon, Gonçalves Dias, uno de los mayores indianistas de América, era pardo'".

Por sua vez, assim se manifesta a pena polida e capaz do Marechal Mário Travassos: "Na verdade, seria um erro esquecer o fundo indiano das populações amazônicas, nordestinas (em grande parte), sulinas e do planalto central, e as figuras de fundo indígena de Euclides da Cunha, Capistrano de Abreu, Floriano Peixoto, José Veríssimo, Rondon, Rocha Pombo, Benjamin Constant, Arcoverde, Pedro Américo, Carlos Gomes..." (V. "*Jornal do Brasil*", de 17/2/1.952, seção ítema).

Além destas insígnias personalidades, muito falaram também sobre o assunto: Gustavo Barroso, Manoel Bomfim, Capistrano de Abreu, Pedro Calmon, Barão de Studart, Djacyr Menezes, Abdias Neves, José Veríssimo, Câmara Cascudo, Mário Mello, Rocha Pombo, Romário Martins, Souza Doça, Cavalcanti Proença, Mário de Andrade, Couto de Magalhães, Daniel de Carvalho, Afonso de Taunay, Aires do Casal, Clóvis Beviláqua, Pierre Denis, Lynn Smith, Alvaro Ferreira, Pe. Joaquim Chaves, Craveiro Costa, Luiz Viana Filho, Artur Ramos, Wilson Lins, Estêvão Pinto, Régo Barros, Basílio de Magalhães, Ernani da Silva Bruno, Alfredo Ellis Júnior, C. R. Boxer, Clodomiro de Magalhães e outros mais, que serão analisados, oportunamente, em "*Cepa Esquecida*".

E, no que toca aos caboclos ilustres, acrescentemos mais os seguintes, por nós descobertos ou redescobertos em nossas incessantes buscas nos livros e documentos:

Pedro Alexandrino, Marcos de Macedo, Marechal José de Abreu, Plácido de Castro, Almeida Júnior, Joaquim Murтинho, Paula Ney, Santana Néri, Brandão de Amorim, Campos Salles, Café Filho, Tavares Bastos, Hugo de Carvalho Ramos, Silva Jardim, Xavier Marques, Anita Garibaldi, Casimiro de Abreu, Augusto dos Anjos, Teófilo Dias, Gal. Gomes Carneiro; Conselheiro Crispiniano, Barão do Rio Verde, Heitor Vila-Lôbos, Júlio de Castilhos, Mário Mello, General Tibúrcio, Visconde de Ouro Preto, Clóvis Beviláqua, Alvaro Maia, Xavier da Silva, Manoel Ribas, Pangot de Souza, Dom Aquino Correia, Érico Veríssimo, Júlio E. Moreira, e muitíssimos outros, já falecidos, ao lado vivos: Aldemir Martins, Theóphilo de Andrade, Djanira, Aureliano Leite, Eleazar de Carvalho, Théo Brandão, José Mauro de Vasconcellos, Irmãos Vilas-Boas, Fausto da Cunha, Abreu Sodré, Juscelino Kubitschek, Jorge Amado, Senador Theotônio Vilela, Janio Quadros, Gal. Nelson de Mello, Gal. Ayrton Tourinho, Gal. Quandt de Oliveira, Reis Vellozo, Roberto Campos, Gal. Octacílio Terra Ururai, e infinidade de militares, políticos, cientistas, artistas, escritores, professores e demais setores da atividade humana.

São, todos, fatos comprovados, como dissemos, por mais absurda e inusitada que possa parecer a nossa iniciativa, pelo mundo da História e da Antropologia Física.

Em cada caso, à proporção que fomos avançando, irão sentindo, os leitores, a força e inegável objetividade dos comentários do livro, devidos, repetimos, à patriótica conclamação de Mestre Gilberto Freyre.